



HISTÓRIA E MEMÓRIA NA NARRATIVA LATINO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA

Cecil Jeanine Albert Zinani¹

A memória, enquanto constituinte da identidade individual e, especialmente, a coletiva, é um dos aspectos que caracterizam a cultura dos últimos anos do século XX e início do novo milênio. Nesse sentido, pode-se observar movimentos de resgate de múltiplos elementos que, se não fossem recolhidos e preservados, tenderiam ao desaparecimento. Na medida em que esse resgate é realizado, ocorre um fenômeno identificado como tradução cultural, visto que a obra recolhida, restaurada ou recuperada não é mais a original, tendo sido modificada pela impossibilidade de reproduzir o idêntico. Lucia M. A. Ferreira e Evelyn G. D. Orrico². consideram esse fenômeno como “reação e reavaliação das práticas do passado ou, contrariamente, como resistência à perda de um passado mais confortável, estável, previsível”. Essa nostalgia do passado e o conseqüente medo do esquecimento podem ser devidamente equacionados pelo desenvolvimento tecnológico, o qual, se de um lado, possibilita uma substancial reduplicação da memória, de outro, redimensiona a “percepção de sua temporalidade e da consciência de sua fragmentação”.³ No entanto, esse passado pode ter sido tenebroso, repleto de culpa. Estão aí, para comprovar essa assertiva, as reminiscências das vítimas e dos algozes que sobreviveram aos campos de extermínio que existiram na Europa, às ditaduras que assolaram a América Latina e aos movimentos que ainda ocorrem na África, na Ásia. Nesse contexto, pretende-se discutir a questão da memória na reconstituição da história, através da leitura de obras escritas por mulheres e que abordam a ditadura na América Latina.

As relações entre presente, passado e futuro precisam ser revistas continuamente, já que o modo de vinculação entre essas instâncias altera-se em decorrência de sua historicidade. Incluídos na memória da coletividade, encontram-se patrimônio arquitetônico, datas, eventos, personagens, práticas sociais, culturais, uma vez que reforçam o sentimento de pertença e a coesão do grupo social, ou seja, a memória se evidencia como uma necessidade para que o grupo se configure como tal. A memória converte-se, então, em recurso fundador da identidade, uma vez que se estrutura nos elementos e nas práticas imediatas e aparentes que estão tanto na camada superficial ou visível do

¹ Doutora em Letras (UFRGS). Professora e pesquisadora da Universidade de Caxias do Sul (UCS). cezinani@terra.com.br.

² FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Orgs.). Prefácio. In: _____. (Orgs.). *Linguagem, identidade e memória social*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 8.

³ Idem, *ibidem*.



cotidiano dos indivíduos como nas regiões mais profundas e ignotas, ambas influenciando na consciência de mundo de cada individualidade.

Uma vez que a memória é seletiva, torna-se imprescindível um sistema de negociação entre memórias individuais e a memória coletiva, a fim de estabelecer uma base comum. Esse aspecto é apontado como um fator problemático na análise dos fatos sociais, dentro de uma perspectiva construtivista. A relação entre eventos históricos e memória subterrânea é particularmente relevante para duas áreas: a literatura e a história, ainda mais quando o propósito é incluir a história na tessitura da produção literária, visto que, materializada no testemunho, a memória transforma-se em narrativa.

A reconstrução da memória nacional, e, em decorrência, da história, nos países que enfrentaram períodos de exceção – ditaduras que se instalaram na América Latina e que permaneceram durante muitos anos – e nos que foram submetidos ao apagamento da memória – época do stalinismo –, valeu-se, nas épocas posteriores, das memórias subalternas as quais, por sua vez, proveram não somente as fontes históricas, mas também as fontes literárias de material importante que contribuiu para a construção de uma nova memória nacional.

No terreno ficcional, o fato histórico ditadura foi tematizado por muitas obras que recorrem à memória subterrânea, presente em aspectos da narrativa (personagens, espaço, tempo), bem como em elementos simbólicos que evocam a repressão, não só para iluminar um período de obscurantismo como também para contribuir com a organização da memória oficial e evitar a repetição de eventos semelhantes. A memória, presente nessa modalidade de literatura, recupera, paralelamente, ainda que de forma fragmentária, tanto os grandes eventos que envolvem personalidades destacadas e um grupo humano expressivo, como também os acontecimentos que compõem a vida dos seres ordinários.

Sarlo⁴ considera que “a literatura moderna, formalmente, opõe-se aos modelos discursivos autoritários. Pode sem dúvida, ser censurada; [...] mas, até hoje, não foi possível liquidar sua estranha e persuasiva forma de ser.” Dessa maneira, a autora refere-se ao poder da escrita e a sua permanência na memória como instrumento para manter vivas e presentes as recordações sobre as atrocidades da ditadura, patrocinadas por todas as categorias envolvidas, no sentido de evitar a repetição de evento semelhante.

A Argentina conheceu períodos de prosperidade, tendo-se tornado uma das maiores economias do mundo ocidental. No final da primeira metade do século XX, desenvolveu-se a

⁴ SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. Trad. Rubia P. Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Edusp, 2005, p. 28.



industrialização com ocupação praticamente total da mão-de-obra disponível, superando, até mesmo, o setor agrícola que era muito vigoroso. No entanto, efeitos colaterais do próprio progresso, tais como a necessidade de importação de matérias-primas e de combustível para alimentar a indústria bem como o excessivo consumo de bens primários, geraram desequilíbrio na balança comercial, iniciando o desaquecimento do setor econômico

No início da década de setenta, Perón retorna à Argentina e é eleito presidente, juntamente com sua esposa Maria Estela – a Isabelita – como vice. No entanto, a política econômica implementada pelo governo foi incapaz de contornar as dificuldades que se alastravam desde a década anterior, ocorrendo o desabastecimento em grande escala, a aceleração do processo inflacionário, o aumento dos preços dos serviços públicos, a suspensão das convenções coletivas de trabalho. Tanto os grupos esquerdistas aliados de Perón – Motoneros – quanto os opositores – Exército de Libertação do Povo – foram para a guerrilha, o que promoveu condições para que o exército interviesse, com a finalidade de combater a subversão, e protagonizasse uma ditadura extremamente violenta.

Nos anos oitenta, o fracasso da política neoliberal e o descrédito na guerra interna promovida pelos militares criaram condições para que se organizassem movimentos sociais, entre os quais se destaca a mobilização realizada pelas Mães da Praça de Maio, “denunciando o desaparecimento de filhos e netos, com enorme repercussão internacional”, cujo resultado acarretou que “o problema da violação dos direitos humanos passou a ser indissolúvelmente associado à ditadura”⁵. Para tentar reverter o descrédito do governo militar, acentuado pelas manifestações de rua que começaram a eclodir, Galtieri, em 1982, resolveu invadir as Ilhas Malvinas, o que insuflaria, como de fato ocorreu, o fervor nacionalista dos argentinos. No entanto, a empresa revelou-se um desastre de dimensões internacionais, provocando a queda do presidente no mesmo ano. A ditadura chegaria a um melancólico final no ano seguinte.

Sarlo aponta a coincidência de que os discursos sobre os crimes das ditaduras sul-americanas, no período da transição democrática, tenham ocorrido na mesma oportunidade em que era discutido um novo capítulo sobre o Holocausto. Sarlo considera o Holocausto uma espécie de paradigma de crimes cometidos pelo Estado, independentemente da nacionalidade. A preocupação, nessa nova discussão, era com o relato testemunhal, “as vítimas falavam pela primeira vez e o que contavam não só lhes dizia respeito, mas se transformava em ‘matéria-prima’ da indignação e

⁵ GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *História contemporânea da América Latina: 1960-1990*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004, p. 40.



também em impulso das transições democráticas, que, na Argentina, se fez sob o signo do *Nunca mais*”⁶.

A ditadura argentina foi ficcionalizada no *Romance negro com argentinos*, de Luisa Valenzuela. Muito embora o cenário seja Nova Iorque, a ditadura e a repressão argentinas que assomam nas lembranças, por meio da memória, dominam as personagens e o ambiente, influenciando sobre a visão do mundo e tornando a vida, na cidade, sombria e tristonha, refletindo-se ainda na impossibilidade da realização artística, já que é difícil isolar realidade e ficção.

O poder de utilização da palavra, na medida em que ela se torna corpo, dominando a estrutura do romance, pode ser associado à representação teatral, estratégia utilizada por Roberta e Palant, personagens de *Romance negro com argentinos*. Os protagonistas são escritores argentinos que estão em Nova Iorque: Agustín Palant ganhou uma bolsa e pretende escrever um romance; Roberta Aguilar é escritora já com algum reconhecimento. Agustín luta com dificuldades para escrever seu romance, Roberta aconselha-o a não se preocupar com o romance e escrever com o corpo. A escrita com o corpo é o *leitmotiv* de Roberta que será reiterado ao longo da narrativa, especialmente, quando mescla diversos planos ficcionais. Justificando o gênero identificado no título – romance negro –, a obra inicia com um assassinato, um assassino e a busca do motivo. A vítima é uma atriz de teatro de subúrbio, o homicida é o escritor Agustín, e a busca do motivo é frustrante, pois não há justificativa para o ato. A investigação, para descobrir o motivo desse crime, induz os protagonistas a percorrerem espaços diversos, inclusive antros sórdidos, no submundo nova-iorquino.. Frequentemente, durante esse périplo, emergem as lembranças da Argentina, cujas alegorias concentram-se, entre outros espaços, no albergue do Exército de Salvação com seus ocupantes grotescos, metáfora da Argentina do período da ditadura.

Logo após o assassinato, quando sai do apartamento da vítima, Augustin tem uma violenta reação fisiológica e também a consciência de que precisa reagir, pois o vômito poderia incriminá-lo “apontando para ele como dedo acusador”⁷. A imagem do dedo replica outra circunstância, resgatando na memória a situação de seu país, na ocasião não designado, mas que pode ser entrevisto nas entrelinhas: “Os dedos. Aqueles que certa vez apareceram na lixeira perto do quartel. Em outro país, outro tempo, outra vida, outra história: impedir a passagem dessas lembranças”⁸. O campo semântico que se estrutura a partir da escolha lexical realizada, aproximando os segmentos

⁶ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 46.

⁷ VALENZUELA, Luisa. *Romance negro com argentinos*. Trad. Paloma Vidal. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 10

⁸ VALENZUELA, 2001, p. 10



‘outro país’ e ‘proximidade do quartel’, possibilita uma leitura no sentido de associar o militarismo à tortura, ou seja, país dominado por ditadura militar – tanto Agustín quanto Roberta são portenhos. No entanto, a personagem se encontra nos Estados Unidos, registrando-se uma cisão que separa a vida, o tempo e a história anterior, dos fatos e da ficção contemporâneos.

A ditadura argentina infiltra-se nos meandros da narrativa, pairando sobre as personagens, como uma sombra, permeando a sua vivência e associando-se a situações insólitas que pontuam tanto a busca pela motivação do crime cometido por Agustín, quanto à realização artística tentada por ambos. Esse processo conduz “a perda do próprio reconhecimento, apanhado para sempre na armadilha de uma morte”⁹ e do risco do desaparecimento da identidade, daí a importância de nomear-se, enunciando nome e sobrenome.

Os sacos de lixo, espalhados pelo Lower East End, próximos à zona fronteiriça entre o que poderia ser considerado uma linha divisória entre civilização e barbárie, também facultam que a personagem retome as lembranças da Argentina, divagando numa espécie de monólogo interior:

Deste lado ou do outro, pensou, a imundície é a mesma, sempre os mesmos grandes sacos de plástico preto, empilhados, cheios de desperdício, e no meu país em tempos militares os sacos teriam em vez disso restos de, melhor pensar em outra coisa...¹⁰

Também em Roberta, a memória da Argentina se faz presente, quando ouve o relato de Ava Taurel sobre a sua profissão: dominadora de homens, espécie de prostituta que utiliza instrumentos de tortura para que os homens sintam prazer. A descrição ativa a memória da escritora para outra cena de tortura, “na qual estiveram presos seus amigos, irmãos, compatriotas, sem tê-la buscado, sem possibilidade alguma de gozo, só de dor.”¹¹

Menções a arrombamentos realizados pela polícia, como costumam acontecer na Argentina, a exigência de raspar a barba para fazer algum documento, o pulo “digno de ser registrado em vídeo”¹², dado por Roberta ao som de seu nome soando como uma metralhadora “Roberta, ta, ta, tatatata, ta, ta!” e a simples visão de um manequim transportado para fora da loja de roupas, onde Agustín e Roberta se encontram, constituem elementos que desencadeiam reações violentas nos dois portenhos, tornando presente um fato e uma situação que está distante no tempo e no espaço: “Achei que estivessem levando um corpo, isso mexeu com tantas coisas de outros tempos, Buenos Aires, sabe?”¹³

⁹ VALENZUELA, Op. cit. p. 18

¹⁰ VALENZUELA, Op. cit. p.21

¹¹ VALENZUELA, Op. Cit. p. 31

¹² VALENZUELA, Op. cit. p. 58.

¹³ VALENZUELA, Op. cit. p. 59.



Os cadáveres de Buenos Aires, o país formado por desaparecidos, essa é a realidade portenha a qual Agustín não admite retornar. Embora estando em Nova Iorque, o passado argentino permanece como uma presença incômoda e dilacerante que influi perversamente sobre as personagens, levando Roberta e Agustín a percorrer ruas e praças geladas e sujas até ingressar em uma das dependências do Exército de Salvação, misturando-se com mendigos e outros párias da sociedade. Ficção e realidade indissolúvelmente ligadas povoam os sonhos de Roberta, criando uma atmosfera surrealista que dá a medida da cidade, agora Nova Iorque, depois do terror de Buenos Aires:

As lembranças de Agustín tornam-se mais angustiantes, quanto mais ele perambula pela cidade coberta de neve, onde até mesmo os grandes sacos pretos de lixo desaparecem. Anteriormente, os sacos de lixo lembravam as vítimas do terror e da repressão; agora trazem à memória as vítimas da malfadada Guerra das Malvinas:

Aqueles [sacos de plástico pretos] usados para trazer os cadáveres de soldados depois da guerra. Agustín era um soldado depois da guerra, um cadáver de soldado num enorme saco de plástico não preto mas branco, que já começava a lhe transmitir o consabido frio.¹⁴

As lembranças de Roberta, por outro lado, concentram-se na negação do passado, numa clara admissão de culpa, fundada na omissão. Inquirida sobre o que havia ocorrido ela contesta:

Nada [ocorreu]. Nada, e isso é o mais aterrorizante, nada, enquanto no mesmo prédio onde eu morava em Buenos Aires levavam outros inquilinos, encapuzados, e nunca mais os víamos. Nada, quando alguns vieram me pedir ajuda e não pude fazer nada. O que você queria que eu fizesse? Se eu nem acreditava totalmente neles, nem mesmo quando Maria Inês...¹⁵

A verbalização do processo regressivo sobre o passado e sua recusa, com toda a carga de culpa implicada, por não ter agido quando podia, interfere tanto com a aceitação de Roberta por ela própria e, conseqüentemente, do outro, representado por Agustín, quanto com sua capacidade de transformar experiências em literatura. No entanto, essa regressão, aliada ao mergulho no mundo onírico, opera uma catarse, constatando-se que tudo é ficção, representação.

Em *Tropical sol da liberdade*, obra escrita em 1988, por Ana Maria Machado, a ditadura deixa de ser uma alusão, uma história subterrânea, para assomar ao primeiro plano da narrativa. A repressão não é vista como o avesso de uma história transcorrida numa pequena cidade do interior, uma vez que perpassa inteiramente o enredo. Fiel ao estilo da autora, que constrói suas obras utilizando uma teia de referências intertextuais, o termo 'tropical', presente no título, recupera um movimento artístico do início da década de 1970, o Tropicalismo, considerado subversivo pelas

¹⁴ VALENZUELA, op. cit. p. 145.

¹⁵ VALENZUELA, op. cit. p. 211.



forças da ordem, e alienado e sem engajamento político por grande parcela da intelectualidade. ‘Sol da liberdade’ é uma remissão ao hino nacional e à liberdade inexistente em época de ditadura.

A obra narra a história de Lena, uma jornalista, que se recupera de um acidente doméstico, na casa de sua mãe, situada à beira da praia. Nesse repouso forçado, a protagonista tenta dar um sentido para a vida, fazendo uma espécie de balanço de sua existência. Militante de esquerda e envolvida com o golpe de 64, exila-se, voluntariamente, com a finalidade de evitar a perseguição das forças da repressão, o que poderia significar, na melhor das hipóteses, o exílio e, na pior, como aconteceu com muitos, prisão, tortura e morte.

O exílio é um dos aspectos da repressão tematizados na obra, realidade a que foram submetidos inúmeros brasileiros, devido a convicções políticas ou ideológicas, situação semelhante ocorreu na Argentina, no Chile. Para alguns, o exílio foi um fato consumado, já que não havia outra opção, outros saíram voluntariamente, mas todos sofreram, de alguma maneira, o processo de desenraizamento, de tornar-se um estranho, perdendo as referências sociais, culturais, familiares.

Denise Rollemberg¹⁶ analisando aspectos relevantes em relação ao exílio de brasileiros ocorrido entre 1964 e 1979, destaca problemas, tanto de caráter objetivo como subjetivo, vividos cotidianamente pelos exilados. Essas pessoas sofreram uma ruptura violenta, uma vez que estavam no centro dos acontecimentos, lutando por um projeto político, e, em pouco tempo, foram deslocadas para outro lugar, tendo perdido as referências que davam sentido a sua vida:

Além de questões referentes à sobrevivência básica, tais como a luta por documentos, o abandono dos companheiros militantes parece ter sido elemento desencadeador da crise de identidade, o choque cultural permanentemente renovado, a insatisfação em relação ao projeto pessoal e o resultado desse projeto. Essa inadaptação provocou em muitos sérios problemas psicológicos.

O exílio altera a relação do indivíduo não apenas com o espaço, mas também com o tempo.

Rollemberg assinala:

O afastamento do universo de referências faz com que o exílio pareça com vazio, ausência, intervalo. As noções de tempo e lugar perdem a nitidez, confundindo o passado e o presente, sobrepondo o país de origem ao de destino, num esforço para manter o que não existe mais. Na impossibilidade de realizá-lo, restou em muitos a angustiante sensação de tempo perdido.¹⁷

A ficção favorece a discussão de diversos ângulos desse assunto. Em sua estada na casa da mãe, Lena retoma um projeto antigo: escrever uma peça de teatro sobre as experiências que tiveram

¹⁶ ROLLEMBERG, Denise. *Exílio. Refazendo identidades*. Disponível em http://www.historia.uff.br/artigos/rollemberg_exilio.pdf, 2008, p. 2. Acesso em 29 out. 2008.

¹⁷ ROLLEMBERG. op. cit. p. 5.



lugar durante a ditadura, para a qual coletou muitos depoimentos de exilados. Nesses depoimentos, o exílio pode delinear-se como uma opção definitiva de vida, quando as pessoas se organizam e criam raízes, não mais desejando voltar. É o que ocorre com algumas personagens que se exilaram na Itália, quando questionadas em relação à possibilidade de regresso:

Sei lá, quando meus pais eram vivos, eu ainda pensava em voltar... Mas hoje... Pra quê? Aqui está tão bom... As pessoas são mais respeitadas... E agora os filhos se casaram, a gente tem os netos por aqui também. As pessoas que eu mais amo estão aqui.¹⁸

Nessa situação, houve a adaptação das personagens ao novo modo de vida, tornando-se a terra natal objeto de comentários zombeteiros, na medida em que ocorre uma descaracterização dos traços mais típicos, em favor de uma aculturação, o que se opõe, em princípio, ao projeto nacionalista dos militantes:

Não posso voltar. Não sei viver sem futebol nem música brasileira. Todos os craques do Brasil estão jogando na Itália. E cada vez que eu vou lá [Brasil], só ouço *rock* no rádio. Aqui é que o dia todo só toca música nossa. Que é que eu vou fazer lá?¹⁹

A desterritorialização desequilibra emocionalmente, uma vez que duplica o estranhamento: o país adotivo, por melhores condições que ofereça será sempre “o outro” em relação à terra natal, sempre detentora da melhor parte da vida, já que nela estão as raízes. A partir do momento em que ocorre a apropriação de um novo modo de vida, torna-se muito difícil renunciar ao bem-estar para retornar às dificuldades da terra natal.

A modalidade de recepção que os exilados terão, nos ressentimentos que podem despertar naqueles que ficaram e sofreram as tribulações da ditadura sem se afastarem do país, consiste em outra preocupação relacionada ao retorno. A volta nem sempre recebe a acolhida sonhada, que poderia se identificar com o final feliz das grandes histórias. Muitos artistas, intelectuais de reconhecido talento que tiveram seu trabalho valorizado no exterior, ao retornarem, foram objeto de toda a sorte de cobranças, numa atitude tola e mesquinha, incompatível com os ideais de quem combateu a tirania e a repressão.

Viver na clandestinidade implica conviver com o medo, não ter paradeiro fixo, fugir de um local para outro rapidamente. Enfrentar a ditadura não foi tarefa fácil para os militantes. As revistas, nas casas, são realizadas com tanta minúcia que nem mesmo um vegetal como o repolho escapa do golpe de baioneta. Isso se repete com estofados, almofadas, telas, até o momento em que as buscas se tornam pilhagem, com a apropriação de objetos de arte, eletrodomésticos e de qualquer utensílio de valor. No entanto, o pior mesmo é quando as pessoas são atingidas: “É só pensar na romaria das

¹⁸ MACHADO, Ana Maria. *Tropical sol da liberdade*. Rio de Janeiro: Novra Fronteira, 2005, p. 33.

¹⁹ MACHADO, op. cit. p. 34.



que foram apanhadas no olho do furacão, indo do Exército à polícia atrás de notícias de filhos e maridos, tantas vezes sem conseguir nada.”²⁰ Explica-se, assim, a diferença entre os que resistiram e ficaram e aqueles que optaram pelo exílio, os quais, muito embora tivessem enfrentado inúmeras dificuldades, não conviveram com o terror diário de serem descobertos, presos e torturados.

Uma das faces sinistras da ditadura é a tortura. No Brasil, durante os anos de chumbo, a tortura era exercida nas dependências dos DOI/COD, tendo-se notabilizado, por seus métodos brutais, o delegado Sérgio Fleury, também ficcionalizado em *Tropical sol da liberdade*. A finalidade da tortura, geralmente, é obter confissões dos prisioneiros a respeito de ações subversivas que poderiam estar sendo planejadas ou sobre a localização de algum indivíduo procurado. Entre os depoimentos selecionados por Lena, para integrar a peça de teatro sobre a ditadura, destaca-se o suicídio de Frei Tito, padre dominicano torturado pelo delegado Fleury, que não encontra outra forma de livrar-se do passado, muito embora a Igreja condene o suicídio, já que a imagem do terror permanece de modo tal que o religioso era obrigado a conviver com o torturador e com a tortura, embora fossem realidades já distantes, e o sacerdote estivesse seguro entre religiosos, no sul da França. Foi a única maneira que encontrou de deixar a tortura para trás.

Outra forte modalidade de repressão foi a censura exercida sobre a imprensa. A personagem principal, como jornalista, conviveu com a censura, no período anterior ao exílio, chamando a atenção para duas modalidades de censura: uma externa e outra interna. A censura externa é exercida por um censor oficial que informa aos meios de comunicação que determinados assuntos não podem ser abordados. Muitas vezes, o censor oficial dá a ordem de suprimir determinada matéria por telefone, cuja ligação cai em ramal equivocado. Dessa maneira, o atendimento, realizado por pessoas não qualificadas, redundava em sérios problemas. Muitos órgãos da imprensa conseguiram negociar com a censura que apenas alguns profissionais estariam habilitados a receber a informação a qual, inclusive, deveria ser passada por escrito. No entanto, isso nem sempre ocorre, acarretando resultados desastrosos:

A tortura realizada nos centros de detenção com a utilização de técnicas variadas, somente era divulgada pela imprensa internacional. Para que a história possa transfigurar-se na palavra literária da autora teatral, a protagonista, então exilada, obriga-se a mergulhar profundamente no terror para poder ver, por ela mesma e pelos amigos e parentes que não têm essa oportunidade, as notícias sobre tortura que são veiculadas apenas por emissoras de televisão de outros países, e, assim, entender todo aquele processo. Quando grandes grupos chegam ao exílio, a televisão mostra

²⁰ MACHADO, op. cit. p. 106.



imagens assustadoras nas quais se constata o depauperamento físico das pessoas, resultado do tratamento recebido.

Ao lembrar a dor, o sofrimento de famílias, amigos das vítimas do regime, assoma uma angústia adicional para aqueles que tiveram suas vidas destroçadas, é a impunidade dos torturadores, em atendimento à obediência devida e à lei da anistia, fato lamentado por Amália, mãe da protagonista.

No mergulho de Lena em depoimentos e lembranças configura-se uma dupla perspectiva: de um lado, organizar o material para escrever uma peça de teatro a fim de preservar a memória dessas histórias, de outro, fazer um balanço da própria vida. O desenvolvimento desse processo provoca na personagem a catarse necessária para que ela tenha coragem e força de enfrentar seus problemas, exorcizar os fantasmas e começar uma vida nova.

Tanto em *Tropical sol da liberdade* quanto em *Romance negro com argentinos*, história e memória, constituindo-se como coordenadas básicas para o desenvolvimento da ficção produzida por escritoras sobre ditadura latino-americana, possibilitam a recriação de um passado relativamente recente, mas relevante em termos de significância social, e sua representação em termos estéticos. Valendo-se de mulheres como protagonistas e detentoras da memória, essas autoras abordam a história, utilizando uma visão do mundo feminina que, sem descurar dos aspectos universais, preocupam-se com o particular, o íntimo e o imediato.

Bibliografia:

FERREIRA, Lucia M. A.; ORRICO, Evelyn G. D. (Orgs.). Prefácio. In: _____. (Orgs.). *Linguagem, identidade e memória social*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 8.

GUZZELLI, César Augusto Barcellos. *História contemporânea da América Latina: 1960-1990*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004, p. 40.

MACHADO, Ana Maria. *Tropical sol da liberdade*. Rio de Janeiro: Novra Fronteira, 2005.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio. Refazendo identidades*. Disponível em http://www.historia.uff.br/artigos/rollemborg_exilio.pdf. 2008, p. 2. Acesso em 29 out. 2008.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. Trad. Rubia P. Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo: Edusp, 2005, p. 28.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire de Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

VALENZUELA, Luisa. *Romance negro com argentinos*. Trad. Paloma Vidal. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 10